

Comércio exterior Brasil e China: do contexto histórico do relacionamento bilateral às tendências pós-pandemia da COVID-19.

Foreign trade Brazil and China: from the historical context of the bilateral relationship to the post-pandemic trends of COVID-19.

Heriberto Wagner Amanajás Pena^{1*}, Vitor Lougon Cordeiro¹, Educélio Gaspar Lisboa²,
Marcelo Santos Chaves³

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo principal avaliar o comportamento das relações comerciais sino-brasileiras no pós-pandemia, focando-se nas exportações, analisando ainda as características de cada fase desse relacionamento e a pauta exportadora, considerando os dados brutos em valores de exportação e a classificação das mercadorias entre os anos de 2009 e 2021. Para isso, foi usado o método histórico e comparativo, assim como o cálculo de Market-Share e uma análise de tendência a partir de uma regressão linear simples. Os dados e resultados foram respectivamente tratados e obtidos por meio do Microsoft Excel®. Concluiu-se que a pandemia teve pouco impacto nas exportações brasileiras para a China, visto que seu Market-Share e valores continuaram crescendo entre 2019 e 2021.

Palavras-chave: Comércio sino-brasileiro; Pós-pandemia; Principais mercadorias;

ABSTRACT

The present article has the evaluation of the post-pandemic sino-brazilian commercial relationship behavior as the main objective, focusing in the exports, but also analyzing the technical features of each phase of this relationship and its export basket, through the export's value raw data and the classification of goods between the years 2009 and 2021. To achieve that, the historic and comparative method were used, as well as the Market-Share measurement and a tendency analysis by simple linear regression. The data and results were respectively processed and achieved in Microsoft Excel®. It was concluded that the pandemic impacted slightly in the brazilian exports to China, since its Market-Share and value kept increasing between 2019 and 2021.

Keywords: Sino-brazilian trade. Post-pandemic. Main goods. Sino-brazilian trade phases.

¹ Universidade do Estado do Pará

*E-mail: heriberto@uepa.br

² Fundação Amazonia de Amparo a Estudos e Pesquisas

INTRODUÇÃO

As relações comerciais sino-brasileiras são um fenômeno muito recente quando vistas em uma perspectiva histórica, tanto de um país milenar como a China, quanto de um país jovem como o Brasil. Esse relacionamento passou por um intenso processo de evolução desde 1974, apesar de já existirem tentativas diplomáticas de estabelecê-lo desde o início do século XX.

O Brasil se insere atualmente no comércio internacional como um grande produtor de commodities, sendo o principal produtor global de diversas dessas mercadorias, ao custo de uma baixa produção de bens de alto valor agregado, de alta capacitação intelectual e de alta tecnologia (OLIVEIRA; GOMES, 2018).

A China, por sua vez, difere muito do Brasil nesse processo, ao se livrar do estigma que a acompanhou por muito tempo. Inicialmente, a China se destacou no comércio internacional pela confecção de produtos manufaturados de baixo valor agregado e de qualidade questionável, todavia o país hoje já supera essa noção antiga com os investimentos em mercadorias de alto valor agregado e de alta tecnologia, havendo empresas muito famosas nesse setor, como a Xiaomi e a Huawei, fato esse que já elevou a China à posição de segunda economia do mundo, e com tendência a tomar o primeiro lugar (COLOMBO; LÓPEZ; VERA, 2020).

Entretanto, em 2020 a pandemia de COVID-19 surgiu. A grande crise sanitária do COVID-19, a qual teve como epicentro a China, de caráter global, fez com que os mais diversos países do mundo revissem a maneira de fazer o comércio internacional, gerando impactos no próprio método e no interesse por diferentes mercadorias. Nesse sentido: quais foram os impactos da pandemia nas relações comerciais sino-brasileiras?

Considerando a intensidade do fluxo de comércio entre o Brasil e a China, o qual já se tornou histórico em 2009, quando a China passou a ser o principal parceiro econômico do Brasil, superando os Estados Unidos, e que desde então tem apenas crescido, torna-se imprescindível a compreensão desse mercado para qualquer empresário/empresa brasileiro(a).

Dito isso, este artigo em termos gerais objetiva avaliar o comportamento das relações comerciais sino-brasileiras no pós-pandemia. Especificamente: compreender as características de cada fase desse relacionamento; discutir o impacto da pandemia e o futuro próximo desse relacionamento.

Para tal, após a introdução, o artigo está dividido em mais quatro seções. A primeira delas aborda a discussão teórica da relação comercial sino-brasileira, seus aspectos e evolução. Já a segunda, apresenta a metodologia de pesquisa. Na terceira, os resultados são apresentados e discutidos, enquanto a quarta e última seção carrega consigo as conclusões extraídas da pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

AS RELAÇÕES BILATERAIS SINO-BRASILEIRAS

Histórico

Os primeiros contatos

No final do século XIX, o Brasil precisava desesperadamente de mão-de-obra para o trabalho nas lavouras cafeeiras, devido ao crescimento intensivo das lavouras paulistas, agravada com a abolição da escravatura em 1888. Um dos países que receberam o contato do governo brasileiro, sobre a necessidade de imigração, foi a China, com o envio de uma missão brasileira ao país em 1879, o que é considerado o primeiro contato do governo brasileiro com o chinês. Apesar dessa missão ter falhado em seu objetivo principal, o Brasil conseguiu estabelecer uma relação diplomática com a China. Logo em 1881, os países firmaram o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação, seguido da abertura de um consulado brasileiro em Shangai, já em 1883 (OLIVEIRA, 2004).

As relações diplomáticas entre Brasil e China acabam findando quando, em 1949, o comunista Mao Zedong assumiu o poder e proclamou a República Popular da China na China Continental. Com isso, levando em conta o contexto da Guerra Fria, o governo brasileiro, por ser aliado dos Estados Unidos, principal representante do bloco capitalista, decidiu por fechar o consulado em Shangai, enquanto abriu uma embaixada em Taipei, capital de Taiwan ou China Nacionalista, reconhecendo Taiwan como a verdadeira representante do povo chinês (VILLELA, 2004).

A reaproximação

O Brasil passou por uma mudança significativa com a eleição de Getúlio Vargas em 1951. Nesse momento, o país adotou intensivamente políticas de caráter nacional-desenvolvimentista, levando a nação a depender menos dos Estados Unidos, o que acabou sendo refletido na política externa. Visto isso, em 1961 o Brasil decidiu se reaproximar da China Continental, ainda República Popular da China, com a visita do vice-presidente João Goulart a Pequim, onde foi bem recebido (COSTA, 2015).

Todavia, esse processo acabou sendo interrompido pelo golpe militar de 1964. Os ideais da ditadura militar se alinhavam com ideais norte-americanos, chegando ao ponto em que, logo quando a ditadura alcançou o poder, uma missão comercial chinesa no Brasil terminou presa. Com o governo da ditadura militar, o processo de reaproximação diplomática entre Brasil e China acabou sendo interrompido por um pouco mais de dez anos (COSTA, 2015).

A reaproximação deu sinais de retornar em 1971, quando o consulado brasileiro demonstrou em um relatório que havia interesse chinês no retorno da aproximação (DICK, 2006). Entretanto, foi somente em 1974, sob o governo do presidente Ernesto Geisel, que a retomada das relações diplomáticas sino-brasileiras e o real início das relações comerciais finalmente ocorreram.

Nesse contexto, é necessário entender os interesses políticos e econômicos de ambos os países.

Nessa época, o Brasil defendia fortemente o interesse dos países de Terceiro Mundo no âmbito multilateral, sendo que a China possuía o mesmo interesse. A China buscava seu espaço na política internacional e, em 1972, o país passou a se identificar como um dos países de Terceiro Mundo, com Mao Zedong, em 1974, desenvolvendo a “Teoria dos Três Mundos”. Sendo assim, a China parou de interferir nas revoluções em território latino-americano, ao passo em que optou pela diplomacia estratégica de governo a governo (OLIVEIRA, 2004).

Sobre o viés econômico, há muito tempo o empresariado brasileiro já havia demonstrado seu interesse no mercado chinês, com os marcos principais desse interesse sendo a missão de João Goulart na China em 1961 e a missão comercial chinesa no Brasil em 1964, a qual acabou sendo presa pela ditadura militar.

A intensificação das relações comerciais

Desde 1974 o comércio sino-brasileiro tem se desenvolvido. Entre 1974 e o começo da década de 1990, o comércio foi crescendo paulatinamente, todavia, a partir da década 1990, o processo de crescimento passou a acelerar. Tal fenômeno somente foi possível devido à abertura brasileira ao mercado internacional no início da década e à intensificação das reformas econômicas chinesas no mesmo período (DICK, 2006).

Um dos principais motivos dessa aceleração do crescimento das exportações brasileiras para china foi a mudança do rígido regime cambial brasileiro de Câmbio Fixo,

para um mais flexível com o Câmbio Flutuante, em 1999. Como Chaves e Pena (2015) apontam, o regime cambial flutuante, ao proporcionar melhores condições de enfretamento aos choques de crises externas, minimizando seus impactos, permitiu um aumento das exportações brasileiras ao todo, e por consequência as direcionadas a China.

Esse primeiro momento da intensificação das relações comerciais sino-brasileiras atingiram o seu ápice em 2002, quando a China passou a ser o principal destino das exportações brasileiras na Ásia, superando o Japão, além da formação de grandes parcerias entre empresas brasileiras e chinesas, como o ocorrido entre a Embraer e a empresa chinesa de aeronáutica AVIC2 (OLIVEIRA, 2004).

Entre 2003 e 2008, o Brasil obteve um grande crescimento econômico, ligado diretamente às relações comerciais sino-brasileiras e às condições proporcionadas pelo mercado internacional. Nesse momento, o preço das commodities aumentou significativamente, enquanto a China passou a importar cada vez mais esses produtos do Brasil, já que necessitavam deles para manter seu crescimento (HIRATUKA; SARTI, 2016).

Já em 2009, as relações comerciais sino-brasileiras conseguiram uma façanha histórica, quando a China passou a se tornar o principal destino das exportações brasileiras, superando os Estados Unidos. Entre os fatores que levaram a tal façanha, mesmo após a grande crise global de 2008, destacam-se o controle do governo brasileiro sobre os efeitos da crise, além do apetite chinês pelas commodities, que conseguiu continuar com forte demanda. Ademais, outra medida que levou a esse sucesso foi a institucionalização dessa relação pelo Plano de Ação Conjunta, assinado pelo então presidente brasileiro Luís Inácio Lula da Silva e pelo presidente chinês Hu Jintao (MENDONÇA; SILVA, 2021).

Panorama atual das relações bilaterais entre Brasil e China

Nos governos que sucederam o de Lula (o de Dilma Rousseff e o de Michel Temer), a China Continental continuou sendo o principal parceiro comercial do Brasil, com o saldo da balança comercial em um ritmo crescente, mesmo que o período tenha sido conturbado, com a desaceleração da economia e os problemas políticos domésticos.

Ademais, uma mudança no comportamento das relações bilaterais começou a ocorrer em 2016. Nesse ano, o relacionamento entre Brasil e China passou a se focar mais no aspecto financeiro do que no comportamento em conjunto dos países nos fóruns

multilaterais. Com as propostas de Temer para a desestatização de setores, a China passou a ser considerada como um grande investidor no processo de privatizações e concessões (MENDONÇA; SILVA, 2021).

Todavia, os rumos das relações bilaterais sino-brasileiras passaram a ficar nublados com a eleição do presidente Jair Messias Bolsonaro e sua nova política de comércio exterior, em 2018, com uma visão diferente dos seus antecessores quanto ao posicionamento do Brasil frente ao mundo. Para falar da nova política de comércio exterior adotada na administração do governo Bolsonaro, precisamos falar inicialmente de como ele chegou ao poder.

Jair Messias Bolsonaro é um político de carreira, o qual se aproveitou de um momento extremamente frágil da democracia brasileira para alcançar o cargo da presidência. Tirando proveito dos escândalos políticos e da crise econômica, causada principalmente pela baixa do preço das commodities, Bolsonaro se posicionou como a solução dessas questões, ganhando apoio popular, porém trazia também, em seu discurso, pautas antipolíticas e contra o que passou a chamar de “Globalismo” (MONTEAGUDO, 2021).

Além disso, a súbita ascensão de grupos de extrema direita, com discurso antiglobalista no cenário internacional, evidenciada pela eleição de Donald Trump nos Estados Unidos, ajudou a pavimentar um caminho mais tranquilo para Bolsonaro. Na política de Trump, a qual foi apoiada por Bolsonaro, o presidente apontava o neoliberalismo globalista como responsável por diminuir o poder econômico da classe média branca e fazia oposição ao crescimento acelerado da China (MONTEAGUDO, 2021).

Esse alinhamento de Bolsonaro com a administração de Trump não somente se deu nas relações EUA-Brasil, mas principalmente na relação do Brasil com outros países, como a China. Bolsonaro repetiu os mesmos discursos críticos do então presidente norte americano, ao acusar os chineses de estarem prejudicando a economia brasileira (VELASCO JÚNIOR, 2018, p. 1). Consoante a isso, o presidente brasileiro, durante a crise sanitária do COVID-19, acusou os chineses de produzirem o vírus artificialmente em laboratório, assim como o americano havia dito algum tempo antes (SCHUCH; BITENCOURT, 2021).

O comportamento de Bolsonaro é uma variável que torna muito mais difícil estipular qual será o futuro do relacionamento bilateral sino-brasileiro, uma vez que a

qualquer momento pode haver uma ruptura dos contatos entre os governos dos países, como já ocorreu antes, com o golpe militar de 1964, valendo ressaltar ainda as origens de Bolsonaro como um membro das forças armadas.

A PANDEMIA DE COVID-19

Contextualização

O primeiro caso de síndrome respiratória aguda ligada à COVID-19 data de 8 de dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, China. Um pouco mais de três meses depois, em 11 de março de 2020, já havia 125.048 casos, com 46.130 mortos espalhados em 117 países; diante disso, a contaminação por COVID-19 foi elevada ao estado de pandemia pela Organização Mundial da Saúde (DINIZ et al., 2020).

A propagação da COVID-19 só pode atingir as mais diversas regiões do mundo, de uma maneira tão acelerada, devido a um dos principais elementos do processo de globalização, que são os novos modais de transporte, em particular o aéreo (OLIVEIRA NETO et al., 2020).

Quando trazemos para o Brasil, o primeiro caso oficial de COVID-19 foi registrado em 26 de fevereiro de 2020, mesmo que já houvesse rumores sobre casos em território brasileiro desde janeiro; deste momento em diante, a contaminação por COVID-19 cresceu de forma acelerada e agressiva no país. O paciente do primeiro caso confirmado foi contaminado em sua viagem à Itália, o que se tornou uma tendência, quando consideramos que o principal vetor da transmissão internacional da doença para o território nacional foram indivíduos que haviam retornado de suas viagens à Itália para o Brasil, principalmente aos estados de Rio de Janeiro e São Paulo (CÂNDIDO et al., 2020).

Impactos da pandemia na estrutura das cadeias produtivas

A primeira medida que muito países tomaram, que afetou diretamente como se daria o comércio internacional no período da pandemia, foi o fechamento das fronteiras. Logo em seguida, ocorreu uma disputa generalizada entre países, para garantir os recursos que se tornaram essenciais, como vacinas, ventiladores pulmonares, máscaras e outros equipamentos de proteção (CHOWDHURY et al., 2020).

A pandemia de COVID-19 foi responsável pelo esgotamento de diversos produtos, nos mais diversos países, como os mencionados anteriormente. O que se tornou evidente com a crise foi a interdependência das cadeias de produção do mundo inteiro.

Um exemplo é a dependência que os Estados Unidos e a Índia têm quanto aos remédios chineses; 97% dos remédios usados nos Estados Unidos são importados da China, enquanto cerca de 40 a 50% dos princípios ativos utilizados pelos remédios indianos são, na verdade, chineses. Já a China teve problemas na produção de ventiladores pulmonares, quando fornecedores europeus de componentes atrasaram a remessa (HANSEN; MENA; KARATZAS, 2022).

Outrossim, a pandemia também impactou diretamente as cadeias produtivas mundiais, ao afetar a infraestrutura logística de diversos países ao redor do globo. Uma pesquisa liderada por operadores e autoridades portuárias mundiais concluiu que muitos dos principais portos do mundo foram afetados, durante a pandemia, pela falta de mão-de-obra, restrição de capacidade, mudanças na demanda e atrasos ligados à alteração dos procedimentos usuais causados pela COVID-19 (NOTTEBOOM; PALLIS, 2020).

Esses impasses logísticos também acarretaram entraves para a própria resolução da situação, como quando a falta de infraestrutura para manter um ambiente em temperatura controlada afetou a distribuição da vacina em alguns países (HANSEN; MENA; KARATZAS, 2022).

MÉTODO DE PESQUISA

CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

Quanto aos procedimentos metodológicos, esta pesquisa pode ser classificada como de caráter qualitativo-quantitativo, de objetivo exploratório, enquanto os procedimentos técnicos utilizados são tanto a pesquisa bibliográfica quanto a documental.

Segundo Santos et al. (2017), um estudo quantitativo-qualitativo não consiste em dois estudos separados, mas sim em um que emprega métodos diferentes que buscam completar-se. Esse método é necessário uma vez que, ao trabalharmos com comércio exterior, o avaliado não são somente as mercadorias, como também os relacionamentos estabelecidos.

Esta pesquisa é exploratória, tendo em vista que consiste na reflexão e conjunção de ideias e possibilidades do comércio internacional. Gil (2002), afirma que pesquisas exploratórias tornam o tema abordado mais explícito ou o levantamento de hipóteses.

A pesquisa bibliográfica foi utilizada como procedimento técnico, considerando que ela é constituída pela leitura de materiais já escritos, de forma a favorecer a tomada

de notas, de apontamentos, a realização de resumos e estudo (LARA, A. M. B.; MOLINA, Adão Aparecido, 2011).

A pesquisa documental também foi realizada, que apesar de parecer com uma pesquisa bibliográfica, dela difere quando aborda textos que ainda não sofreram contribuições de nenhum autor (GIL, 2002).

FONTE DE DADOS

Para a parte da pesquisa ligada à análise quantitativa, foram utilizados os dados da plataforma do Comex Stat, plataforma governamental que disponibiliza dados do comércio exterior brasileiro, retirados diretamente do SISCOMEX, como também do próprio site do Ministério da Economia.

Foram utilizados os valores FOB, em dólares, das exportações brasileiras com a China, entre os anos de 2009 e 2021, como também um detalhamento, por mercadoria, em NCM (Nomenclatura Comum do Mercosul). Através desses dados construiu-se uma planilha no programa Microsoft Excel® para facilitação da análise.

MÉTODO EMPREGADO

Para a análise da parceria comercial sino-brasileira, os métodos em que esse estudo se baseia são os histórico e comparativo.

O método histórico foi escolhido uma vez que, por meio dele, é possível analisar como fatos e comportamentos do passado podem estar sendo projetados nas sociedades contemporâneas, em categorias e paradigmas econômicos, políticos, sociais, entre outros. Além disso, esse método também foi escolhido pela sua capacidade de análise e compreensão da dinâmica histórica da evolução e transformação de sociedades e instituições, podendo compreender suas causas e efeitos (FACHIN, 2005).

Outrossim, o método comparativo foi adotado, somado ao histórico, com a intenção de explicar os aspectos semelhantes e os diferentes em séries e fatos análogos, evidenciando, assim, o que há de comum entre as situações comerciais, mesmo que sob condições adversas, como distinções políticas, econômicas e culturais. Não obstante, o método comparativo possibilita, ao explicar fenômenos, fatos, objetos etc., a dedução dos elementos constantes, abstratos e gerais (FACHIN, 2005).

AJUSTE DOS DADOS

O intervalo dos dados sobre os valores das exportações brasileiras com a China é entre os anos de 2009 e 2021, o que permite uma compreensão e comparação mais completa dos dados para compreender o comércio entre os países.

A compreensão da estrutura das exportações se dá pela classificação das mercadorias por códigos, em sistemas numéricos de classificação, onde quanto mais dígitos esse código possui, maior será a especificação da mercadoria (PENA, 2004; 2021). Nesse trabalho, são utilizadas a Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM), para os dados retirados da plataforma do Comex Stat, e a Classificação Uniforme para o Comércio Internacional (CUCI), para os dados retirados diretamente do site do Ministério da Economia.

A NCM é a classificação comum adotada pelos países membros do Mercosul. No Brasil, quase todas as mercadorias precisam ser classificadas pela NCM para serem comercializadas. Essa nomenclatura possui como base os seis dígitos de classificação do Sistema Harmonizado (SH), porém adiciona-se mais dois dígitos, totalizando oito, a fim de aumentar a especificação da mercadoria (SANTOS, 2011).

Já a CUCI, também conhecida como Standard International Trade Classification (SITC), é o método de classificação de mercadorias utilizado pela Organização das Nações Unidas (ONU) nas estatísticas de comércio exterior (SUBSECRETARIA DE INTELIGÊNCIA E ESTATÍSTICAS DE COMÉRCIO EXTERIOR, 2020).

MODELO DE ANÁLISE

Dentre os diversos modelos de análise possíveis, este artigo optou pelo cálculo da regressão de tendência, assim como o cálculo de Market-Share, para que assim se possa atingir o objetivo do estudo.

Modelo de regressão de tendência

Para o cálculo da tendência nas exportações brasileiras para a China, foi utilizado o método da regressão linear simples, pela qual, segundo Rodrigues (2012), tem-se que:

$$y_i = \beta_0 + \beta_1 x_i + \varepsilon_i, \quad i = 1, \dots, n$$

Onde:

- y_i Corresponde ao valor da variável resposta ou dependente, Y , no estudo corresponde ao valor FOB em dólares das exportações;

- x_i Representa o valor da variável independente, X , no estudo corresponde ao tempo;
- ε_i , $i = 1, \dots, n$ são variáveis aleatórias que correspondem ao erro (variável que permite explicar a variabilidade existente em Y e que não é explicada por X);
- β_0 e β_1 correspondem aos parâmetros do modelo.

O parâmetro β_0 representa o intercepto da função, enquanto β_1 representa a inclinação da reta regressora, expressando a taxa de mudança em Y , ou seja, indica a mudança na média da distribuição de probabilidade de Y para um aumento de uma unidade na variável X .

Market-Share (MS)

Como abordado por Pena (2004), o Market-Share, ou Participação de Mercado, mede a participação (percentagem) de um país nas exportações ou importações de um mercado selecionado, sendo nesse estudo representado pela participação chinesa nas exportações brasileiras. O Market-Share é dado pela seguinte equação:

$$\frac{M_{ij}}{M_i} * 100$$

Onde:

- M_{ij} corresponde ao valor FOB em dólares das exportações brasileiras para a China no ano;
- M_i representa o valor FOB em dólares das exportações brasileiras no ano.

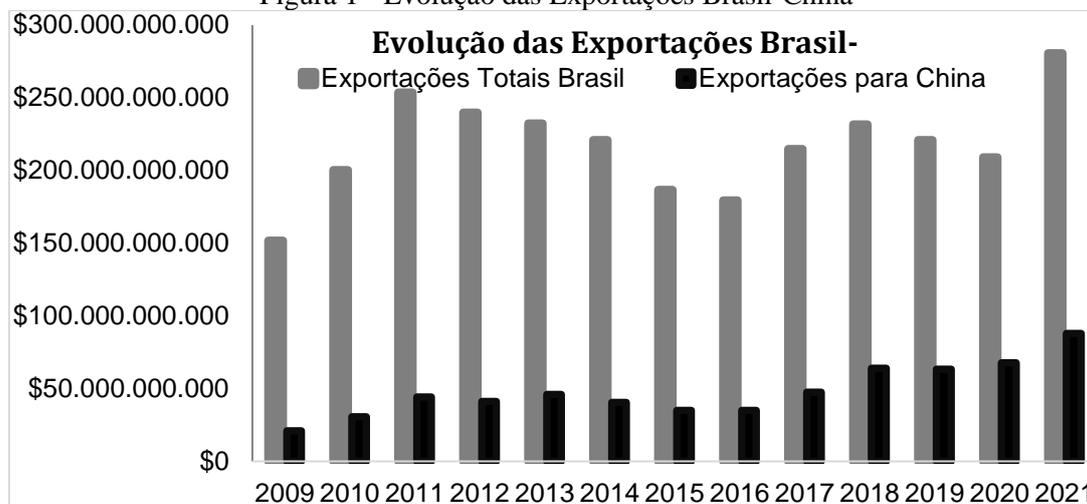
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base na metodologia apresentada, os resultados foram elaborados e organizados em tabelas e gráficos, para a facilitação da interpretação e visualização, no programa Microsoft Excel®.

Inicialmente, procurou-se entender a evolução das exportações brasileiras para a China após 2009; o que se percebeu é que, em todos os anos nos quais as exportações brasileiras como um todo cresceram, as exportações brasileiras para a China cresceram significativamente, e mesmo nos anos em que as exportações totais decresceram, as

exportações para a China conseguiram manter-se pareadas, até mesmo crescendo durante o auge da pandemia de COVID-19, como demonstrado na Figura 1.

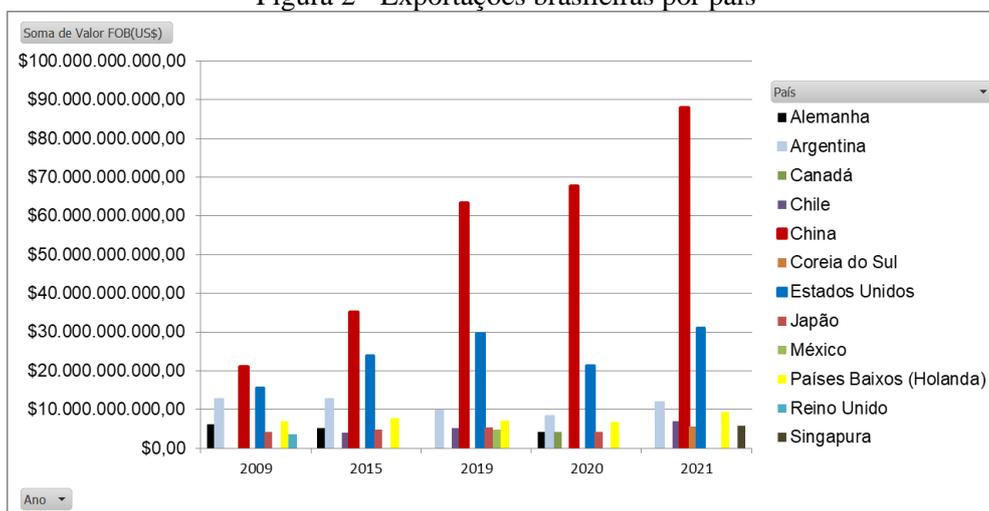
Figura 1 - Evolução das Exportações Brasil-China



Fonte: Elaborada pelos autores (2022)

Esse crescimento significativo das exportações brasileiras para a China superou consideravelmente o crescimento das exportações para o demais principais países, deixando-os consideravelmente para trás e fazendo com que a China despontasse, em muito, como o principal destino das exportações brasileiras, conforme ilustrado pela Figura 2, o que motiva preocupações sobre uma possível sino-dependência.

Figura 2 - Exportações brasileiras por país

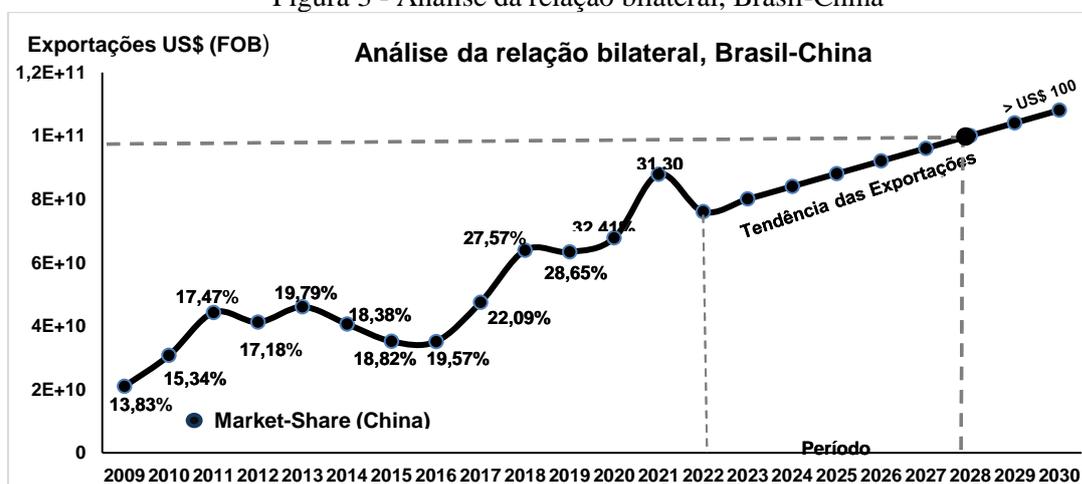


Fonte: Elaborada pelos autores (2022)

Visto isso, em uma análise econômica da relação bilateral, é notável o grande salto que essa relação obteve a partir de 2018, representado na Figura 3, com a participação chinesa nas exportações alcançando 32,41%, segundo o cálculo de Market-Share, somado com a sequência da quebra de recordes históricos dos valores exportados, ano após ano,

durante a pandemia. De acordo com o cálculo de tendência, baseado em uma regressão linear simples, esse crescimento perduraria, chegando ao ponto no qual, em 2028, as exportações brasileiras para a China alcançariam a marca de US\$ 100 bilhões.

Figura 3 - Análise da relação bilateral, Brasil-China



Fonte: Elaborada pelos autores (2022)

Após esse primeiro momento, partiu-se para a análise das características da pauta dessas exportações. Desenvolvida na Tabela 1, a comparação dos vinte principais produtos por NCM da pauta exportadora de 2009 com uma década antes, demonstra que nesse período houve uma diversificação das mercadorias, visto que, mesmo com a maioria dos vinte principais produtos sendo de baixo valor agregado, a sua presença em percentual reduziu. Valendo ressaltar a presença de aviões nas mercadorias mais exportadas no ano, reflexo direto da parceria entre empresas de aeronáutica brasileiras e chinesas, referenciada anteriormente no tópico 2.1.1.3.

Tabela 1 – Principais mercadorias exportadas em 2009 comparadas com 1999

Ranking	Código	Mercadorias mais importantes	Byear (1)	Fyear (2)	PeBy% (3)	PeFy% (4)
1	26011100	Minérios de ferro e seus concentrados, exceto as piritas de ferro ustuladas (cinzas de piritas), não aglomerados	1999	2009	24%	4,72%
2	12010090	Outros grãos de soja, mesmo triturados	1999	2009	16,51%	4,18%
3	27090010	Óleos brutos de petróleo	1999	2009	0,00%	0,88%
4	47032900	Pastas químicas de madeira, à soda ou ao sulfato, exceto pastas para dissolução, semibranqueadas ou branqueadas, de não coníferas	1999	2009	7,81%	0,59%
5	26011200	Minérios de ferro aglomerados e seus concentrados	1999	2009	11,28%	0,43%
6	15071000	Óleo de soja, em bruto, mesmo degomado	1999	2009	6,73%	0,26%

7	24012030	Tabaco não manufaturado, total ou parcialmente destalado, em folhas secas em secador de ar quente (flue cured), do tipo Virgínia	1999	2009	4,89%	0,24%
8	88024090	Outros aviões e outros veículos aéreos, de peso superior a 15.000 kg, vazios	1999	2009	0,00%	0,23%
9	72029300	Ferro-nióbio	1999	2009	1,30%	0,23%
10	72011000	Ferro fundido bruto não ligado, que contenha, em peso, 0,5 % ou menos de fósforo	1999	2009	0,00%	0,23%
11	74031100	Cátodos e seus elementos de cobre refinado, em formas brutas	1999	2009	0,00%	0,18%
12	47020000	Pasta química de madeira, para dissolução	1999	2009	0,00%	0,14%
13	72071200	Outros produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado, de seção transversal retangular, que contenham, em peso, menos de 0,25 % de carbono	1999	2009	0,00%	0,13%
14	39021020	Polipropileno sem carga, em forma primária	1999	2009	0,20%	0,09%
15	26020090	Outros minérios de manganês e seus concentrados, incluindo os minérios de manganês ferruginosos e seus concentrados, de teor em manganês de 20 % ou mais, em peso, sobre o produto seco	1999	2009	0,73%	0,08%
16	39012029	Outros polietilenos sem carga, densidade >= 0.94, em formas primárias	1999	2009	0,00%	0,06%
17	17011100	Açúcar de cana, em bruto	1999	2009	0,08%	0,05%
18	52010020	Algodão não cardado nem penteado, simplesmente debulhado	1999	2009	0,00%	0,04%
19	25161200	Granito, simplesmente cortado a serra ou por outro meio, em blocos ou placas de forma quadrada ou retangular	1999	2009	0,01%	0,04%
20	41041114	Outros couros e peles de bovinos (incluindo os búfalos), plena flor, não divididos, no estado úmido	1999	2009	0,00%	0,04%

Fonte: Elaborada pelos autores (2022)

Notas: (1) – período inicial; (2) - período final; (3) – porcentagem das exportações no período base; (4) – porcentagem das exportações no final do período.

Já quando comparamos as vinte principais mercadorias por NCM de 2019, o qual é o último ano antes da pandemia e, coincidentemente, uma década à frente, com 2009, o resultado é o retorno e predomínio completo das mercadorias de baixo valor agregado, ilustrado na Tabela 2, em que as exportações das três principais desse tipo de mercadoria equivalem a 77,31% do valor das exportações para a China no ano. Outro fator digno de nota é que seis das vinte principais mercadorias de 2019 não eram sequer exportadas para a China em 2009.

Tabela 2- Principais mercadorias exportadas em 2019 comparadas com 2009

Ranking	Código	Mercadorias mais importantes	Byear	Fyear	PeBy%	PeFy%
1	12019000	Soja, mesmo triturada, exceto para semeadura	2009	2019	0%	32,28%
2	27090010	Óleos brutos de petróleo	2009	2019	0,88%	24,43%
3	26011100	Minérios de ferro e seus concentrados, exceto as piritas de ferro ustuladas (cinzas de piritas), não aglomerados	2009	2019	4,72%	20,60%
4	47032900	Pastas químicas de madeira, à soda ou ao sulfato, exceto pastas para dissolução, semibranqueadas ou branqueadas, de não coníferas	2009	2019	0,59%	4,67%
5	02023000	Carnes desossadas de bovino, congeladas	2009	2019	0,00%	4,24%
6	02071400	Pedaços e miudezas, comestíveis de galos/galinhas, congelados	2009	2019	0,02%	1,95%
7	72029300	Ferro-nióbio	2009	2019	0,23%	1,38%
8	52010020	Algodão não cardado nem penteado, simplesmente debulhado	2009	2019	0,04%	1,29%
9	02032900	Outras carnes de suíno, congeladas	2009	2019	0,00%	0,96%
10	26011210	Minérios de ferro e seus concentrados, exceto as piritas de ferro ustuladas (cinzas de piritas), aglomerados por processo de peletização, de diâmetro superior ou igual a 8mm e inferior ou igual a 18mm	2009	2019	0,00%	0,74%
11	17011400	Outros açúcares de cana	2009	2019	0,00%	0,62%
12	24012030	Tabaco não manufaturado, total ou parcialmente destalado, em folhas secas em secador de ar quente (flue cured), do tipo Virgínia	2009	2019	0,24%	0,61%
13	26020090	Outros minérios de manganês e seus concentrados, incluindo os minérios de manganês ferruginosos e seus concentrados, de teor em manganês de 20 % ou mais, em peso, sobre o produto seco	2009	2019	0,08%	0,60%
14	26030010	Sulfetos de minérios de cobre e seus concentrados	2009	2019	0,00%	0,46%
15	74031100	Cátodos e seus elementos de cobre refinado, em formas brutas	2009	2019	0,18%	0,41%
16	47020000	Pasta química de madeira, para dissolução	2009	2019	0,14%	0,37%
17	72026000	Ferro-níquel	2009	2019	0,02%	0,33%
18	26030090	Outros minérios de cobre e seus concentrados	2009	2019	0,03%	0,24%
19	15071000	Óleo de soja, em bruto, mesmo degomado	2009	2019	0,26%	0,23%

20	41041114	Outros couros e peles de bovinos (incluindo os búfalos), plena flor, não divididos, no estado úmido	2009	2019	0,04%	0,17%
----	----------	--	------	------	-------	-------

Fonte: Elaborada pelos autores (2022)

Notas: (1) – período inicial; (2) - período final; (3) – porcentagem das exportações no período base; (4) – porcentagem das exportações no final do período.

Esse comportamento não mudou mesmo com a ascensão da pandemia, como visto na Tabela 3. Na verdade, as três principais mercadorias por NCM do ano 2021, as quais se mantem Fonte: Elaborada pelos autores.como de baixo valor agregado, representam um percentual das exportações brasileiras para China ainda maior que em 2019, chegando a 79,43%. A maior diferença entre a pauta exportadora de 2019 e de 2021 foi o grande crescimento da participação do minério de ferro e seus concentrados e a redução da participação dos óleos brutos de petróleo.

Tabela 3 - Principais mercadorias exportadas em 2021 comparadas com 2019

Ranking	Código	Mercadorias mais importantes	Byear	Fyear	PeBy%	PeFy%
1	26011100	Minérios de ferro e seus concentrados, exceto as piratas de ferro ustuladas (cinzas de piratas), não aglomerados	2019	2021	21%	32,27%
2	12019000	Soja, mesmo triturada, exceto para semeadura	2019	2021	32,28%	30,95%
3	27090010	Óleos brutos de petróleo	2019	2021	24,43%	16,21%
4	02023000	Carnes desossadas de bovino, congeladas	2019	2021	4,24%	4,44%
5	47032900	Pastas químicas de madeira, à soda ou ao sulfato, exceto pastas para dissolução, semibranqueadas ou branqueadas, de não coníferas	2019	2021	4,67%	2,84%
6	17011400	Outros açúcares de cana	2019	2021	0,62%	1,60%
7	02071400	Pedaços e miudezas, comestíveis de galos/galinhas, congelados	2019	2021	1,95%	1,45%
8	02032900	Outras carnes de suíno, congeladas	2019	2021	0,96%	1,44%
9	52010020	Algodão não cardado nem penteado, simplesmente debulhado	2019	2021	1,29%	1,12%
10	72029300	Ferro-nióbio	2019	2021	1,38%	0,81%
11	26011210	Minérios de ferro e seus concentrados, exceto as piratas de ferro ustuladas (cinzas de piratas), aglomerados por processo de peletização, de diâmetro superior ou igual a 8mm e inferior ou igual a 18mm	2019	2021	0,74%	0,54%
12	15071000	Óleo de soja, em bruto, mesmo degomado	2019	2021	0,23%	0,54%

13	26030010	Sulfetos de minérios de cobre e seus concentrados	2019	2021	0,46%	0,30%
14	47020000	Pasta química de madeira, para dissolução	2019	2021	0,37%	0,27%
15	72011000	Ferro fundido bruto não ligado, que contenha, em peso, 0,5 % ou menos de fósforo	2019	2021	0,13%	0,23%
16	24012030	Tabaco não manufaturado, total ou parcialmente destalado, em folhas secas em secador de ar quente (flue cured), do tipo Virgínia	2019	2021	0,61%	0,21%
17	26040000	Minérios de níquel e seus concentrados	2019	2021	0,00%	0,19%
18	26030090	Outros minérios de cobre e seus concentrados	2019	2021	0,24%	0,19%
19	72026000	Ferro-níquel	2019	2021	0,33%	0,18%
20	41041114	Outros couros e peles de bovinos (incluindo os búfalos), plena flor, não divididos, no estado úmido	2019	2021	0,17%	0,13%

Fonte: Elaborada pelos autores.

Notas: (1) – período inicial; (2) - período final; (3) – porcentagem das exportações no período base; (4) – porcentagem das exportações no final do período.

Os dados de 2022 até o momento reforçam a noção de que o crescimento da participação do minério de ferro e seus concentrados, ao passo do decréscimo da participação do óleo bruto de petróleo nas exportações, pode acabar se tornando uma tendência no futuro próximo. Além disso, esses mesmos dados indicam, até o momento, que as exportações brasileiras para a China irão diminuir em 2022, interrompendo essa série de quebras dos recordes históricos

Tabela 4 - Exportações brasileiras para os principais destinos, jan. a jul. 2021-2022

Descrição	2022	2021	PART .2022	PART .2021	VAR.% 2022/2021
TOTAL GERAL	194.251.083.710	161.685.261.828	-	-	20,14
1.China	55.099.907.099	55.191.344.117	28,37	34,14	-0,17
Soja	23.548.696.137	19.694.527.028	42,74	35,68	19,57
Minério de ferro e seus concentrados	10.919.551.387	16.735.307.059	19,82	30,32	-34,75
Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus	8.817.291.644	8.696.579.783	16	15,76	1,39
Carne bovina fresca, refrigerada ou congelada	4.452.182.168	2.492.862.132	8,08	4,52	78,6
Celulose	1.732.166.184	1.579.947.071	3,14	2,86	9,63
Ferro-gusa, spiegel, ferro-esponja, grânulos e pó de ferro ou aço e ferro-ligas	787.067.666	612.228.975	1,43	1,11	28,56
Carnes de aves e suas miudezas comestíveis, frescas, refrigeradas ou congeladas	756.778.111	716.648.188	1,37	1,3	5,6
Açúcares e melaços	616.149.985	662.767.725	1,12	1,2	-7,03
Carne suína fresca, refrigerada ou congelada	464.514.908	881.168.804	0,84	1,6	-47,28
Algodão em bruto	308.779.794	460.277.439	0,56	0,83	-32,91
Demais Produtos	2.696.729.115	2.659.029.913	4,89	4,82	1,42

Fonte: Ministério da Economia (2022)

CONCLUSÃO

Atualmente, o Brasil passa por um momento de incerteza política, considerando-se as eleições presidenciais próximas, com possibilidades reais de reeleição de Bolsonaro e seu antiglobalismo. Ao mesmo tempo, a invasão russa na Ucrânia levanta preocupações internacionais acerca de uma possível invasão militar chinesa nos territórios que ela reclama. Todavia, as relações comerciais sino-brasileiras já passaram por uma série de incertezas e o fato é que continuam crescendo.

Dito isso, foi possível compreender como as relações comerciais sino-brasileiras irão se comportar ao término da pandemia, podendo-se determinar uma tendência de evolução para os próximos anos. Ademais, ainda se foi capaz de determinar as características da pauta exportadora do Brasil para a China e compreender o comportamento de sua evolução.

Os resultados desta pesquisa demonstram um panorama onde não só as exportações brasileiras para a China crescerão nos próximos anos, chegando à marca dos US\$ 100 bilhões antes de 2030, segundo o cálculo da tendência, mesmo que possivelmente em 2022 acabe decrescendo, o que nos leva à preocupação sobre uma possível sino-dependência, como também demonstra o aprofundamento desse relacionamento comercial entre 2018 e 2021, apesar da ascensão do discurso antiglobalista e da pandemia de COVID-19.

Outrossim, esse estudo, ao analisar e comparar historicamente a pauta exportadora brasileira para a China, aponta uma retomada da concentração das exportações em poucos

produtos, sendo eles de baixo valor agregado, em um percentual muito superior ao de 1999, onde a soja, o minério de ferro e os óleos brutos de petróleo se mantem absolutos.

A pandemia de COVID-19 demonstrou ter impactos mínimos na evolução das relações comerciais sino-brasileiras, visto que as exportações brasileiras para a China continuaram crescendo mesmo em 2020, quando as exportações totais do Brasil diminuíram, e cresceram de forma substancial em 2021, juntamente com as exportações totais. Dito isso, o que aparenta ser o maior impacto da pandemia no comércio sino-brasileiro seria a intensificação da participação do minério de ferro na pauta exportadora brasileira, ao custo da participação do óleo bruto de petróleo.

Com tudo isso dito, esse estudo nos leva, por fim, a crer que, caso não haja uma crise das commodities ou um grande conflito político, as relações comerciais sino-brasileiras possuem um futuro de progresso.

REFERÊNCIAS

ALTMAN, S. A. Will COVID-19 have a lasting impact on globalization? **Harvard Business Review**, 2020.

CÂNDIDO, D. S. et al. Routes for COVID-19 importation in Brazil. **Journal Of Travel Medicine**, v.1, p.1-7, 2020.

CHAVES, Marcelo Santos; PENA, Heriberto Wagner Amanajás. Taxa de câmbio fixa versus câmbio flutuante: uma abordagem sobre o potencial exportador brasileiro no período de 1995 a 2012. **Observatorio de la Economía Latinoamericana**, n. 206, 2015. Disponível em: <https://www.eumed.net/cursecon/ecolat/br/15/fixa-flutuante.html>. Acesso em: 11 set. 2022.

CHOWDHURY, R. et al. Long-term strategies to control COVID-19 in low and middle-income countries: an options overview of community-based, non-pharmacological interventions. **European Journal of Epidemiology**, v. 35, p. 743-748, 2020.

COLOMBO, Sandra; LÓPEZ, Maria Paz; VERA, Nevia. Tecnologías emergentes, poderes em competencia y regiones en disputa: América latina y el 5G en la contienda tecnológica entre China y Estados Unidos. **Estudios Internacionais: Revista de Relações Internacionais da PUC Minas**, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 94 – 111, 2021.

COSTA, Guilherme O. M. **A evolução do comércio entre Brasil e China: uma análise das relações comerciais bilaterais sino-brasileiras**. 2015. Monografia (Graduação), Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista –UNESP, Araraquara, 2015.

DICK, Patrícia P. A parceria estratégica entre Brasil e China: a contribuição da política externa brasileira (1995-2005). 2006. Dissertação de mestrado, Programa de Pós Graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

DINIZ, Marco Túlio Mendonça et al. Identificação das rotas iniciais de importação e disseminação da covid-19 no brasil. 2020.

- FACHIN, Odilia. **Fundamentos de Metodologia**. 5ª edição. São Paulo: Saraiva, 2005.
- GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.
- HANSEN, Carsten; MENA, Carlos; KARATZAS, Antonios. International trade resilience and the Covid-19 pandemic. **Journal of Business Research**, v. 138, p. 77-91, 2022.
- HIRATUKA, Célio; SARTI, Fernando. Relações econômicas entre Brasil e China: análise dos fluxos de comércio e investimento direto estrangeiro. **Tempo do Mundo**, Brasília, v. 2, ed. 1, p. 83-98, Janeiro 2016.
- LARA, Angela Mara de Barros; MOLINA, Adão Aparecido. Pesquisa Qualitativa: apontamentos, conceitos e tipologias. **Metodologia e técnicas de pesquisa nas áreas de ciências humanas**. Maringá: Eduem, v. 1, p. 121-172, 2011
- MENDONÇA, Anna Luiza Oliveira Faria De; SILVA, Pedro Navar Garcia Do Carmo E. Semiperiferia em pauta: as relações sino-brasileiras. 2021.
- NOTTEBOOM, Theo; PALLIS, Thanos. **IAPH-WPSP Port Economic Impact Barometer: a survey-based analysis of the impact of COVID-19 on world ports in the period April to September 2020**. Antuérpia, 2020.
- MONTEAGUDO, R. S. Antiglobalismo e colonialidade: uma abordagem decolonial sobre a política externa brasileira no governo Bolsonaro. **Revista NEIBA**, vol. 10, p. 1-22, 2021.
- OLIVEIRA, Henrique Altemani. Brasil-China: trinta anos de uma parceria estratégica. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 47, ed.1, 2004.
- OLIVEIRA, Pétila Rodrigues de; GOMES, Leandro. A evolução da pauta exportadora brasileira no período de 1999-2014. **Revista Iniciativa Econômica**, Araraquara, v. 4, n. 1, 2018.
- OLIVEIRA NETO, *et al.* Pandemia de COVID-19: as fronteiras pelo mundo e o transporte aéreo na Itália. **Confins**. v. 44, 2020. Disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/27577>; DOI:<https://doi.org/10.4000/confins.27577>
- PENA, Heriberto Wagner Amanajás. **Brasil e Coréia do Sul: uma análise comparativa da dinâmica das exportações no comércio internacional, 1985-2000**. 2004. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade da Amazônia, Belém, 2004. Disponível em: <https://www.eumed.net/libros-gratis/2011d/1050/1050.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2022.
- PENA, H. W. A., Dallemole, D., & Lisbôa, E. G. (2021). Abordagem metodológica para análise de cenários na região de integração do Rio Guamá, estado do Pará / Methodological approach to scenario analysis in the Guamá River integration region, Pará state. *Brazilian Journal of Development*, 7(7), 74864–74884. <https://doi.org/10.34117/bjdv7n7-592>
- RODRIGUES, Sandra Cristina Antunes. **Modelo de Regressão Linear e suas Aplicações**. 2012. Dissertação (Mestrado em Ensino de Matemática no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário) – Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2012. Disponível em: <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/1869/1/Tese%20Sandra%20Rodrigues.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2022.

SANTOS, Charles Henrique Gonçalves. **Uma proposta de modelagem ontológica para a NCM: Nomenclatura Comum do Mercosul**. 2011. Dissertação (Mestrado em Sistemas Mecatrônicos) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/9812>. Acesso em: 20 ago. 2022.

SANTOS, José Luís G. S. *et al.* Integração entre Dados Quantitativos e Qualitativos em uma Pesquisa de Métodos Mistos. **Texto & Contexto – Enfermagem**, Florianópolis, v. 26, n. 3, fev. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/cXFB8wSVvTm6zMTx3GQLWcM/?lang=pt>. Acesso em: 19 ago. 2022.

SUBSECRETARIA DE INTELIGÊNCIA E ESTATÍSTICAS DE COMÉRCIO EXTERIOR. **Manual de utilização dos dados estatísticos do comércio exterior brasileiro**. Brasília, 2020. Disponível em: <https://balanca.economia.gov.br/balanca/manual/Manual.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2022.

SCHUCH, Matheus; BITENCOURT, Rafael. Bolsonaro insinua que China pode ter criado vírus na esteira de “guerra bacteriológica”. *Valor Econômico* [online], Brasília, 5 maio 2021. Política. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2021/05/05/bolsonaro-sugere-virus-feito-em-laboratorio-e-desinteresse-em-suposto-remedio-para-covid-19.ghtml>. Acesso em: 10 set. 2022.

VELASCO JÚNIOR, P. A. Brazilian foreign policy under president Bolsonaro: what should we expect? **E-International Relations**, vol. 12, p. 1-5, 2018.

VILLELA, Eduardo V. M. As relações comerciais entre Brasil e China e as possibilidades de crescimento e diversificação das exportações de produtos brasileiros ao mercado consumidor chinês. 2004.

Recebido em: 10/11/2022

Aprovado em: 15/12/2022

Publicado em: 29/12/2022